

O "sistema criança-rua": uma ferramenta conceitual para a compreensão e para a intervenção

Zulene Marques*

O “sistema criança-rua” é uma ferramenta conceitual que possibilita um melhor entendimento das relações que a criança e o adolescente mantém com o mundo da rua. É um modelo sistêmico com oito dimensões (Espaço, Tempo, Socialização, Sociabilidade, Dinâmica, Identidade, Motivação e Gênero), que ajuda o educador(a) a apreender a realidade da criança e do adolescente, e se aproximar de sua subjetividade a partir de sua fala, de suas percepções. Procura compreender a diversidade da vida na rua: a organização informal da rua, os recursos e limitações dos vários atores envolvidos (crianças, famílias, instituições privadas e públicas).

O Sistema Criança Rua, tem suas bases na Sociologia e busca orientar o conhecimento e a análise sobre a criança, propondo indicativos para a intervenção. A intervenção é uma esfera de ação de outras ciências, tais como a pedagogia, a arte educação, a educação popular, etc.

É fruto de 4 anos de pesquisas junto a crianças e adolescentes em situação de rua desenvolvidas pelo Professor Riccardo Lucchini, Presidente do Departamento de Sociologia da Universidade de Fribourg/Suíça e está em processo constante de reformulação pela Fondation Terre des hommes, através do Dr. Daniel Stoecklin, sociólogo, suíço, especialista nesta questão, para a prática nos projetos, a partir das contribuições das Organizações que utilizam esse método. A riqueza dessa ferramenta é que são as próprias crianças e adolescentes que permitem aos educadores se tornarem mais assertivos nas repostas às situações vividas por elas, a partir do conhecimento adquirido de suas histórias de vida e da elaboração conjunta de estratégias individuais com as mesmas.

Com relação as crianças em situação de rua, estas desenvolvem ligações diversas com o contexto da rua, para o educador compreender isso é fundamental no trabalho com elas.. Quando se tem clareza dessa particularidade, não se pode reduzir de forma negativa a sua identidade

(“criança de rua”) ao lugar onde ela se encontra e sim entender como ela se situa na rua, como compreende e avalia sua permanência na rua e de que formas ela utiliza esse espaço. Desta forma acredita-se que “não é a criança que está mais ou menos na rua, como espaço geográfico ; ao contrário, é o mundo da rua, como ambiente social e conjunto de relações sociais, que faz mais ou menos parte da experiência da criança”.

Nesse método o educador olha e compreende a criança no conjunto de suas relações sociais e simbólicas. É melhor então falar de crianças “em situação de rua”, pois trata-se de compreender, não unicamente as crianças, mas antes de tudo o conjunto das interações que as crianças mantêm com a rua e com os outros atores sociais .

Considera-se a criança como um ator social. Essa perspectiva nos leva a ver essas crianças como pessoas, sujeitos, e não como problemas, “objetos” de intervenção. Como toda pessoa, elas agem e reagem ao contexto social, são ativas, atores. Por acreditar nisso é que se olha as crianças como pessoas com potencialidades, habilidades e competências. A criança é sujeito de direitos, portanto o Sistema Criança Rua trabalha a partir de suas representações acerca da realidade vivenciada por ela ou sua subjetividade e todo o processo deve ter a participação dessa e juntos educador e criança traçam estratégias que respondam a sua motivação. Ter esse olhar é imprescindível quando se quer garantir a participação das crianças na construção de seus próprios projetos de vida.

O “sistema criança rua”, procura compreender o que a criança faz para sobreviver. Sabe-se que em certos contextos, a criança tem muitas oportunidades e consegue acessá-las, mas em outros ela tem menos ou não tem nenhuma. Entender essas estratégias desenvolvidas pelas crianças possibilita uma adaptação da intervenção às necessidades específicas e contextualizadas delas e não uma adaptação das crianças às “verdades” dos educadores, projetos, instituições, etc.

Facilitar o processo de integração das crianças na sociedade começa por respeitar suas próprias capacidades e opiniões sobre elas mesmas e sobre o mundo, visando a promoção de seus direitos. Sem essa condição primeira, todo discurso sobre participação é só retórica. Muitas vezes é o inverso que é feito: a criança é inserida em projetos sem que se ouça o seu ponto de vista, o atendimento de suas necessidades são resolvidos por terceiros. Essa forma de intervenção causa um efeito negativo, pois não desenvolve a capacidade de decisão sobre o seu próprio destino, retardando a compreensão real dessa criança. E, mais ainda, não contribui para o desenvolvimento de sua autonomia: o “empoderamento” que diz respeito à liberação da força, do poder, que todos os seres humanos têm.

No Brasil, o Sistema Criança-Rua é utilizado nos projetos do Programa Brasil da Fondation Terre des hommes e suas concepções e metodologia

incorporadas por diversas organizações parceiras desses projetos. Em junho de 2000, Terre des Hommes, divulgou o Sistema Criança Rua na Rede Amiga da Criança, através de um evento formativo facilitado por Daniel Stoecklin, no qual participaram nove organizações que tem ação direta com crianças e adolescentes, incluindo todos os educadores sociais de rua do Projeto Construindo Cidadãos (FUMCAS).

Em São Luís, cinco projetos/programa de 03 organizações da Rede Amiga da Criança utilizam o Sistema Criança Rua: projetos Construindo Cidadãos e Circo Escola (FUMCAS), Abrigo das Meninas e Abrigo dos Meninos (FUNAC) e projeto Ultrapassando Barreiras (PAMEN).

O olhar do educador é decisivo na compreensão dos fatos, na análise e na intervenção. No olhar (momento de conhecimento da criança) há necessidade de se ter um foco, para isso precisa-se de alguns instrumentos de observação e coleta de informações que respondam a questões “ Quem? O que? Onde? Como?”. Nessa etapa o educador deve escutar a fala da criança, organizar e registrá-las, tendo o cuidado de observar as atitudes dela e o contexto da qual faz parte. O momento do POR QUE, é quando de posse das informações coletadas se parte para análise do conhecimento adquirido. É importante também interagir com outros profissionais no momento de análise. Na intervenção deve-se devolver para a criança todo o conhecimento adquirido para verificar se corresponde às representações dessa e só então junto com ela decidir o que fazer. Os três momentos (Olhar, Análise e Intervenção) são fundamentais. Deve-se ter o cuidado para não queimar etapas, a interação, a articulação são constantes nesse processo de conhecimento. Muitas vezes no momento do conhecimento já se está analisando, querendo saber o porquê, ou então se conhece e já se parte para a intervenção sem uma análise.

* Assistente Social, assessora do Sistema Criança-Rua da Fondation Terre des hommes - São Luís.

Disponível em: <http://www.redeamigadacrianca.org.br/>